

Do texto à cena, do regional ao universal: a relação entre o trabalho do encenador e a dramaturgia de Lorde Ramalho

José Marcos Batista de Moraes (PPGLI/UEPB)
Prof. Dr. Diógenes André Vieira Maciel (DLA/PPGLI/UEPB)

Resumo:

*O texto **As Velhas**, escrito pela dramaturga campinense Lourdes Ramalho, e levado à ribalta pela primeira vez em 1975, é considerado um clássico da literatura dramática produzida no Nordeste do Brasil. Nele somos apresentados a duas mulheres nordestinas, uma cigana e uma sertaneja, que são agarradas pelas teias de um destino trágico, em que se enovelam também os destinos de seus filhos. Em 1988, esse texto ganhou uma encenação do diretor espanhol Moncho Rodriguez, estreada em Campina Grande-PB, que projetou a obra ramalhiana para o mundo, tendo em vista a ampla circulação nacional e internacional, notadamente, na Península Ibérica, desta montagem. Nosso trabalho objetiva realizar uma análise da relação entre o trabalho do encenador e a dramaturgia de Lourdes Ramalho, tendo como ponto de partida as montagens de 1975 e as de 1988, observando principalmente como foi a cobertura da imprensa sobre essas duas montagens, tendo em vista que os discursos jornalísticos reconstróem uma memória do espetáculo, como também formalizam juízos críticos sobre o mesmo, de modo que ele pode ser problematizado mediante esta baliza.*

Palavras-chave: *Lourdes Ramalho; dramaturgia; encenação.*

1 Introdução

Esse artigo é parte integrante da pesquisa intitulada **Do texto à cena, da cena ao texto: a relação entre o trabalho do encenador e a dramaturgia de Lourdes Ramalho**, em desenvolvimento na linha de pesquisa Literatura, Memória e Estudos Culturais, do Mestrado de Literatura e Interculturalidade, na Universidade Estadual da Paraíba, sob orientação do professor Diógenes Maciel.

No presente trabalho, objetivamos realizar uma análise da relação entre o trabalho do encenador e a dramaturgia de Lourdes Ramalho, partindo das montagens do texto **As Velhas**, realizadas nos anos de 1975 e 1988, na cidade de Campina Grande-PB, considerando a recepção passível de ser apreendida nos discursos jornalísticos de modo a reconstruir memória, tendo em vista a formalização de juízos críticos sobre um fato – no nosso caso um espetáculo encenado e apresentado ao público. Assim, buscaremos observar como foi a cobertura da imprensa sobre essas duas montagens, problematizando o texto a partir dessa baliza. Para isso, seguiremos um percurso metodológico que se iniciará com a definição de *encenador e encenação*, seguido de uma apresentação sobre a dramaturgia, para logo após apresentarmos uma prévia análise da pesquisa feita nos arquivos dos jornais locais.

2 Encenador: mais do que um simples organizador da cena teatral

O processo de transposição de um texto à cena e o papel do coordenador dessa ação vem passando, ao longo dos anos, por várias modificações. Durante muito tempo, a direção teatral foi simplesmente entendida, como sendo o ato de transpor para cena o texto dramático, mas, de acordo com Torres (2007), esse conceito não mais atende a pluralidade de formas de levar um texto ao palco que existe na contemporaneidade, tornando-se ultrapassadas para definir determinadas criações cênicas.

Desde a virada dos séculos XIX para o XX, o diretor foi entendido como um coordenador da enunciação cênica, mantendo a função de buscar harmonizar os seus elementos a fim de organizar, de forma global, a representação teatral. Atualmente, segundo Araújo (s.d., p.01), o teatro vem “ampliando seu campo de formalização e experiência, colocando enorme ênfase no aspecto processual, deixando de se pautar apenas pela obra acabada e pela produção de resultados”. Já de acordo com Nicolette (2012, p.318), faz pouco mais de um século que os diretores passaram a assumir cada vez mais uma posição de criadores do espetáculo

[...] chegando mesmo a ‘depor’ o texto em nome da encenação, e o ator também pôde conquistar uma outra posição que não a de mero executante de ideias alheias – tanto que, por volta dos anos 1960, chegou-se a afirmar o corpo contra o texto.

Assim, levando em consideração a forma como é concebido o processo de relação estética entre palco e plateia, podemos pensar o diretor teatral sob três perfis operacionais diferentes: o de ensaiador, o de diretor e o de encenador. Diferentemente do ensaiador e do diretor, o encenador busca uma autonomia maior no processo de montagem do espetáculo teatral em relação ao texto dramático. Para Pavis (2008), o trabalho do encenador vai muito além do que o reencontro de dois referentes (textual e cênico), e é bem mais do que a realização performativa do texto. De acordo com Vendramini (2003, p. 47):

[...] O encenador equivaleria ao maestro-arranjador que, a partir de uma determinada frase melódica (tema musical / texto teatral) constrói o resto do arcabouço (harmonia / encenação) necessário ao fenômeno (concerto/ espetáculo).

Já para Torres (2007, p.118), o encenador

[...] preconiza uma autonomia criativa que muitas vezes emana diretamente da própria cena, antes mesmo de um fragmento literário subsidiar a criação cênica. O encenador tenta dar conta de uma cena elaborada como espaço propiciatório, onde se possa dar lugar ao trabalho mais autônomo dos atores e promover uma experiência estética junto ao espectador sem ancorar necessariamente esta experiência no compromisso de apresentar um texto dramático.

O uso da palavra encenação, enquanto nomenclatura para definir o ato de dar vida cênica a um texto, data da segunda metade do século XIX, pois é justamente nessa época que surge a figura do encenador. Segundo Pavis (2011, p.122), o emprego da palavra,

nesse sentido, contudo, remontaria a 1820, pois:

É nesta época que o encenador passa a ser o responsável “oficial” pela ordenação do espetáculo. Anteriormente, o ensaiador ou, às vezes, o ator principal é que era encarregado de fundir o espetáculo num molde preexistente. A encenação se assemelhava a uma técnica rudimentar de marcação dos atores. Esta concepção prevalece às vezes entre o grande público, para quem o encenador só teria que regulamentar os movimentos dos atores e das luzes.

A encenação, como fruto do trabalho do encenador, é mais que uma translação do texto para a cena, é como nos mostra Pavis (2008, p.27),

Um teste teórico, que consiste em colocar o texto “sob tensão” dramática e cênica a fim de experimentar no que, a enunciação cênica provoca o texto; instaura um círculo hermenêutico entre enunciado [...] abrindo o texto para muitas interpretações.

No Brasil, a entrada da figura do *encenador* em cena pode ser pensada a partir do período que Maciel (2010, p.96-97) definiu como sendo o segundo grande ciclo do teatro brasileiro moderno, que se inicia na década de 1970, período este:

[...] marcado pela encenação de **Gota d’água**, de Chico Buarque e Paulo Pontes, em 1975, já em meio às grandes engrenagens do teatro abertamente comercial, todavia, ainda, propondo-se o entendimento de que a forma dramática (e nesse caso específico uma forma do trágico) deveria estar à disposição da plasmação de “eventos” relacionados ao povo, visto pelos autores não só como objeto da representação artística, mas, e principalmente, como destinatário-ideal. Este segundo ciclo seria fechado com a encenação de **Macunaíma**, adaptação da obra de Mário de Andrade, por Antunes Filho, em 1978, que, junto com o fim do AI-5, torna-se marco inicial daquele conjunto de produções a que chamaríamos de teatro contemporâneo brasileiro.

É justamente nesse período que Maria de Lourdes Nunes Ramalho escreve um dos textos que marcariam profundamente o contexto da produção teatral na Paraíba, **As velhas**, que, pela força de suas montagens, se torna o marco inicial do que podemos chamar de teatro paraibano moderno/contemporâneo. Falaremos um pouco mais sobre o texto e as suas encenações mais adiante, antes disso vamos apresentar a autora.

3 Uma mulher movida pela arte

A arte sempre foi uma companheira de Maria de Lourdes Nunes Ramalho, nascida em 23 de agosto de 1923, lá no Jardim do Seridó, onde os estados do Rio Grande do Norte e da Paraíba se encontram. Lourdes Ramalho, ou simplesmente dona Lourdes, como é carinhosamente conhecida, nasceu em uma família de educadores e artistas: sua mãe era

professora e também dramaturga e o seu bisavô Hugolino Nunes da Costa era violeiro e repentista, sendo tomado como um dos grandes nomes da primeira geração de cantadores do sertão paraibano em meados do século XIX.

Na Paraíba, o teatro feito por Lourdes Ramalho ocupa um lugar muito importante: ele foi e é uma grande fonte de influência na formação de público e de artistas, como nos aponta Maciel (2012, p.95):

[...] A obra ramalhiana ocupa um lugar significativo na história do teatro paraibano moderno/contemporâneo, marcando a formação de um público que reconhece e se reconhece em seus textos, mas também influenciando definitivamente um universo de diretores e atores que têm nesta obra, a qual se recorre em momentos ímpares desta mesma história, uma espécie de porto-seguro, para onde sempre se volta, mesmo depois de tantas viagens e descobertas.

O universo dramaturgíco ramalhiano pode, segundo Andrade e Maciel (2008), ser dividido em dois grandes ciclos, sendo o primeiro formado por textos como **Fogo-fátuo** (1974), **As Velhas** (1975), **A feira** (1976), **Os mal-amados** (1977) e **A eleição** (1977); já o segundo ciclo começa a tomar corpo a partir dos anos de 1990 – é nessa fase que a dramaturga se dedica a escrever sua dramaturgia em cordel, sendo dessa fase textos como: **O romance do conquistador** (1991), **O trovador encantado** (1999), **Charivari** (1999), **Presépio Mambembe** (2001) e **Guiomar filha da mãe** (2003), só para citar os mais significativos.

4 As velhas: hoje e sempre

Em **As velhas** temos representada a história de duas mulheres: a sertaneja Mariana e a cigana Ludovina, que tem os seus destinos ligados, pois não adianta o quanto se distanciem, sempre acabam se encontrando. A primeira foi abandonada pelo marido, que fugiu com a cigana Ludovina, deixando-a com dois filhos pequenos. É assim que Mariana passa a percorrer o mundo com os seus filhos, Chicó e Branca, fugindo da seca, mas também em busca do marido e da cigana que o roubou. Ao longo da peça, conhecemos outros dois personagens importantes na trama: Tomás, o mascate, e José, filho de Ludovina. É o relacionamento de José com Branca que coloca, mais uma vez, as duas velhas, frente a frente.

Levado a ribalta pela primeira vez em 1975, sob a direção do paulista Rubens Teixeira, com elenco misto formado por integrantes da Fundação Artístico e Cultural Manoel Bandeira – FACMA e o extinto grupo Campinense de Cultura, está montagem estreou no dia 03 de agosto de 1975, no Teatro Municipal Severino Cabral, com casa lotada, segundo relatos dos jornais da época. Com essa montagem o texto de Lourdes Ramalho participou do III Festival Nacional de Teatro de Ponta Grossa, no Paraná, onde ganhou o prêmio de melhor espetáculo. Essa montagem estrou em ano que, pelas reportagens vinculadas no **Jornal Diário da Borborema**, foi de grande efervescência no cenário teatral paraibano. Existiam vários grupos no Estado e várias montagens sendo realizadas. Muito desse movimento era motivado pelos festivais de teatro amador que aconteciam durante quase todo ano, com etapas, municipais, estaduais e regionais.

A segunda montagem paraibana dAs **Velhas** foi realizada no ano de 1988, pelo encenador espanhol Moncho Rodrigues, com elenco do grupo de Teatro Campinense Paschoal Carlos Magno. O espetáculo estreou durante a XIII edição do Festival de Inverno de Campina Grande, sendo o representante da cidade na mostra de teatro do festival. Tal montagem fez com que a obra de Lourdes Ramalho ficasse conhecida internacionalmente, pois participou do XII Festival de Internacional de Teatro de Expressão Ibérica, em Portugal. Antes disso, **As Velhas** participou do projeto Mambembão, importante mecanismo de circulação da produção teatral pelo país, realizando apresentações no Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília. Como é sabido, em sua encenação Moncho realizou um diálogo entre elementos da cultura brasileira e da ibérica. Através do uso de luz, figurino e música, o encenador conseguiu explorar toda a universalidade do texto ramalhiano. Dois elementos que não podem deixar de ser citados, quando se fala dessa montagem, são: a tela, que cobria toda a boca de cena e que dava ao espetáculo um tom onírico, reforçado pelo magnífico uso dos recursos de luz, além de formalizar a imaginária quarta parede, criando um efeito de estranhamento muito forte. O segundo elemento seria o personagem da Morte, criado na cena pelo *encenador* e que não aparece na obra de Lourdes Ramalho. Com essa figura, Moncho nos aponta o que talvez seja o grande foco de sua encenação, o embate entre o Desejo e a Morte.

5 O que disse a imprensa sobre as montagens?

Com o intuito de observarmos como foi a cobertura da imprensa a respeito das montagens do texto **As Velhas**, realizamos uma coleta de dados nos arquivos do **Diário da Borborema**, dos anos de 1975 e 1988/89. Além desse acervo, analisamos também o material de clipagem do arquivo pessoal de dona Lourdes Ramalho – como esse material contemplava reportagens sobre montagens de vários textos da autora, foi preciso uma triagem, do material referente ao texto em estudo. Durante a pesquisa nos jornais, centramos a nossa atenção em dois elementos: a quantidade de matérias publicadas e as manchetes das mesmas. Fizemos isso por acreditarmos que esse dois elementos podem nos dar um panorama geral sobre como a imprensa leu o espetáculo, em épocas diferentes e quais as relações dessas leituras.

Nos arquivos, percebemos que a cobertura das montagens de 1975 e 1988/89 possuem uma grande diferença no que diz respeito à quantidade de informações veiculadas. Contrariando a expectativa de que a segunda montagem, do ponto de vista jornalístico, mereceria mais espaço -- uma vez que a mesma participou de projetos nacionais e internacionais –, encontramos apenas pequenas notas de uma coluna chamada “Reportagem Social”, que traziam informações sobre os horários e dias das apresentações. O único texto que foge a essa regra, nos arquivos do D.B., foi o artigo escrito pelo jornalista Walter Tavares, na coluna Opinião do jornal, porém, esse texto não pode ser considerado como um discurso do **Diário da Borborema**, pois o mesmo se encontra em um espaço dedicado aos leitores.

Já a montagem dirigida por Rubens Texeira recebeu um grande destaque, com direito a reportagem especial, com espaço de mais de duas páginas completas, além de entrevistas com os integrantes do elenco e o diretor. De 04 de julho a 05 de novembro de 1975, de acordo com a pesquisa que realizamos, foram publicadas mais de 26 matérias sobre **As Velhas**.

A respeito das manchetes das matérias publicadas, podemos perceber os diferentes enfoques das duas montagens: enquanto as matérias sobre a montagem dirigida por

Rubens Teixeira se pautavam no aspecto regional do texto ramalhiano, com expressões do tipo: “*As Velhas*”: *Um peça nordestina para o Brasil*, ou “*As Velhas*”: *Drama nordestino no palco*; as manchetes referentes à encenação de 1988, realizada por Moncho Rodrigues, destacam o caráter universal e intercultural da mesma, desta feita, em matérias de jornais de outros espaços de recepção do espetáculo. Por exemplo, o **Jornal Correio Brasiliense** trouxe a seguinte manchete: *As Velhas: Uma ponte para a Ibéria*, já em uma reportagem de duas páginas, o Jornal de Brasília diz: *O fim da miséria estética*. No jornal de Artes Cênicas do Rio de Janeiro, encontramos a seguinte manchete: *Vida inteligente fora do eixo*. Diferente da imprensa local, os jornais das cidades por onde circulou a encenação realizada por Moncho além de realizarem uma ampla divulgação, pois as matérias às quais tivemos acesso tinham, em média, meia página, o que é um espaço considerável em se tratando de cobertura cultural em jornal diário, ainda consegue, como vimos nas manchetes aqui destacadas, captar a essência principal da encenação de Moncho Rodrigues, que é mostrar a riqueza da cultura nordestina e da obra ramalhiana, sem cair na folclorização dessa cultura.

À guisa de conclusão

Como falamos no início, o presente trabalho é fruto de uma pesquisa que está em andamento. Dessa forma, algumas questões que surgiram só poderão ser respondida mais adiante. Ao nos debruçarmos sobre o discurso jornalístico a respeito das montagens do texto de Lourdes Ramalho, duas questões nos chamaram a atenção: a primeira foi o silêncio que se fez “ouvir” em torno da montagem de 1988, na imprensa local, este dado, certamente, é significativo; a segunda, foi o enfoque das matérias jornalísticas a respeito das duas montagens.

Sobre a primeira questão, que pretendemos investigar mais profundamente ao longo de nossa pesquisa, acreditamos que as entrevistas que estão sendo realizadas com os integrantes dessas montagens possam nos oferecer caminhos para compreender essa instigante, digamos, falha de cobertura jornalística, o que entra em choque com o discurso dos jornais de outras regiões. Previamente, podemos afirmar que a encenação, realizada por Moncho Rodrigues, como podemos perceber nas manchetes dos jornais, marca um momento em que o texto de Lourdes Ramalho deixa de ser encarado como uma escrita que seria **apenas** regional, que falaria **apenas** sobre o nordeste e para as pessoas do nordeste.

Certamente, além de possibilitar que **As Velhas** e sua autora fossem conhecidos nacional e internacionalmente, o trabalho desse encenador motivou a necessidade de um olhar mais apurado e menos cheio de preconceito para a produção teatral e dramaturgica realizada na Paraíba.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Valéria. **Cronologia de Lourdes Ramalho**. Disponível em: <www.lourdesramalho.com.br>, acessado no dia 06 de janeiro de 2012.

ARAUJO, Antonio. **A encenação – em – Processo**, s.d, Disponível em <<http://www.portalabrace.org/vcongresso/textos/territorios/Antonio%20Carlos%20de%20Araujo%20Silva%20-%20A%20Encenacao-em-Processo.pdf>>, acesso em: 12 de fev. 2012

MACIEL, Diógenes André Vieira. Como e por que eu leio a dramaturgia nordestina. In: GOMES, André Luís (Org.). **LEIO TEATRO: Dramaturgia brasileira contemporânea**, leitura e publicação. São Paulo: Editora Horizonte, 2010. p. 94-113.

MACIEL, Diógenes André Vieira e ANDRADE, Valéria (org). **Teatro [quase completo] de Lourdes Ramalho**. Maceió: EDUFAL, 2008.

NICOLETE, Adélia. Criação coletiva e processo colaborativo: algumas semelhanças e diferenças no trabalho dramático. **Revista Sala Preta**, n. 2, 2002. Disponível em < <http://www.eca.usp.br/salapreta/sp02.htm>> Acesso em: 15 de janeiro de 2012

PAVIS, Patrice. **A Encenação Contemporânea**. São Paulo: Perspectiva, 2010

_____. **O teatro no cruzamento de culturas**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

TORRES, Walter Lima. O que é direção teatral? **Revista Udimento**. Florianópolis, SC, n. 09, p.111-122, 2007. Disponível em < <http://www.ceart.udesc.br/ppgt/urdimento/2007/> > Acesso em: 22 de janeiro de 2012

VENDRAMINI, José Eduardo. Sobre criação dramática e encenação. **Sala Preta**. São Paulo, ECA-USP, 2003, ano 3, n. 3. Disponível em < <http://www.eca.usp.br/salapreta/sp01.htm> > Acesso em: 23 de janeiro de 2012.